Recital
Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

NARRATIVAS PESSOAIS: MANIFESTAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO IDENTITÁRIA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

PERSONAL NARRATIVES: IDENTITY MANIFESTATION AND REFRAMING DURING THE COVID-19 PANDEMIC

Rosilene dos Anjos SANT'ANA
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - Campus Teófilo Otoni
rosilene.santana@ifnmg.edu.br

Ana Carolina Freire FORATINI
aninhafreiref27@gmail.com

Maria Giulya Ramos REIS
magiulyareis@gmail.com

Bruno Barbosa FERRAZ
brunobferraz@gmail.com

DOI: https://doi.org/10.46636/recital.v4i1.176

Resumo

No final de 2019, a população mundial foi surpreendida pela pandemia viral da Covid-19. Essa situação levou muitas pessoas a se depararem com realidades que lhes exigiram o repensar de seu agir no mundo. Essa exigência causou ressignificações identitárias, uma vez que as identidades passam por processos oscilantes (SILVA, 2000). Por conseguinte, observar o processo de manifestação das identidades e reconhecê-las como cambiáveis pode melhorar a

relação que cada um tem consigo e isso, em tempo de isolamento, se torna crucial para tentar amenizar os obstáculos que a falta de convívio social pode gerar. Partindo dos resultados da análise de narrativas nas quais os participantes expressaram como era o dia a dia na pandemia, este trabalho, que faz parte do projeto de pesquisa Relatos Pessoais: Narrativa e Construção Identitária em Contexto de Isolamento Social, objetiva apresentar parte dos dados que foram analisados, identificando as manifestações identitárias nos relatos dos participantes e apontar quais fatores influenciaram o processo de construção e reconstrução identitária.

Palavras-chave: Isolamento Social. Relatos. Identidades.

Abstract

At the end of 2019, the world population was surprised by the viral pandemic of Covid-19. This situation led many people to face realities that required them to rethink their actions in the world. This requirement can cause identity resignifications, since identities undergo oscillating processes (SILVA, 2000). Therefore, observing the process of manifesting identities and recognizing them as changeable can improve the relationship that people have with themselves and, during isolation, it becomes crucial to try to alleviate the obstacles that the lack of social interaction can generate. Based on the results of the analysis of narratives by participants expressing what their routine during the pandemic was like, this paper, which is part of the research project *Personal Accounts: Narrative and Identity Construction in the Context of Social Isolation*, aims to present part of the data that were analyzed by identifying the identities manifested in the participants' reports and pointing out which factors influenced the identity construction and reconstruction process.

Keywords: Social isolation. Reports. Identities.

INTRODUÇÃO

No final de 2019, a população mundial foi surpreendida por uma situação que assustou a todos: a pandemia viral Covid-19. Embora o vírus não seja novo, pouco se sabe a respeito dele, suas reações e consequências. Para contextualizar melhor o que esse vírus representa, vale lembrar que o

> Coronavírus é o velho filme que temos visto repetidamente desde que o livro de Richard Preston, The Hot Zone, de 1995, nos apresentou ao demônio exterminador, nascido em uma misteriosa caverna de morcegos na África Central, conhecida como Ebola. Foi apenas o primeiro de uma sucessão de novas doenças que irromperam no "terreno virgem" (esse é o termo apropriado) do sistema imunológico inexperiente da humanidade. O Ebola foi logo seguido pela gripe aviária, que se propagou aos humanos em 1997 (DAVIS, 2020, p. 05).

Assim, mesmo que a sociedade científica já tenha conhecimento do Coronavírus, a nova variação conseguiu desestabilizar a sociedade mundial. Contudo, já é sabido que o isolamento social tem sido uma importante estratégia para se prevenir da doença e reduzir o número de contágio. Entretanto, esse enclausuramento tem gerado sentimentos diversos nas populações de diferentes países, dentre eles é possível mencionar o medo, a angústia, a tristeza e a solidão.

Essa situação tem levado muitas pessoas a depararem-se com diferentes questões, exigindo que elas repensem seu agir no mundo, o que pode causar uma confusão de identidades, fazendo com que esses sujeitos, que se constroem a cada interação, sejam ainda mais cambiantes. Nesse caminho, Leffa (2013) aponta que a interação social é que vai conduzir as mudanças e o estado flutuante das identidades; isso revela que em uma sociedade "líquida" e "fluida" tudo muda e que, por isso também, as identidades são facilmente ressignificadas. Mas essa mudança em si não é o problema, a questão está em como lidar com tais alterações e a construção de novas identidades, visto que é importante não detê-las, como aborda Bauman (1998).

Por conseguinte, o contexto atual exige que cada cidadão encontre a melhor maneira de aprender a lidar com o isolamento, é preciso que cada pessoa tenha a capacidade de se reinventar em meio ao caos que se instalou. Sendo assim, um dos caminhos para externar sentimentos e angústias na tentativa de amenizar os efeitos do isolamento é usar a narrativa e escrever relatos sobre o que se está vivendo.

Portanto, este artigo objetiva apresentar os resultados de uma pesquisa que compõe um projeto de iniciação científica intitulado "Relatos Pessoais: Narrativa e Construção Identitária em Contexto de Isolamento Social". Esse projeto possibilitou espaço para que alunos dessa instituição e a comunidade externa pudessem expressar suas narrativas sobre o cotidiano durante o confinamento social. Além disso, pretendeu-se observar e analisar as identidades manifestadas no período de isolamento social e compreender quais fatores influenciaram seu processo de construção e reconstrução identitária.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Nos últimos anos, os comportamentos sociais têm sido bastante questionados por teóricos de diferentes áreas do conhecimento. Isso se dá provavelmente porque existe uma grande necessidade de o ser humano se conhecer e conhecer o outro. A esse respeito, Moita Lopes (2002) ressalta que talvez o fenômeno mais intrigante para compreender a vida humana seja perceber como as pessoas se tornam quem são. Assim, dentre as áreas nas quais essa questão tem ganhado espaço, destacamos aqui a Linguística Aplicada (LA). Isso se deve ao fato de que a sociedade mudou, e com isso se destacaram também mudanças no caminho das pesquisas dentro da LA, uma vez que ela considera a prática social para estudar os fenômenos da língua e da linguagem em uso.

Nesse sentido, dentro da Linguística Aplicada (LA), das teorias estudadas para dar suporte aos questionamentos sobre essas mudanças sociais, estão em destaque as teorias sobre identidade,

que, cada vez mais, tem ganhado espaço e divulgação, isso "em função da conclusão de que a linguagem é constitutiva das identidades" (MASTRELLA-DE-ANDRADE, 2011, p. 24).

Sendo assim, é importante, para o que se propôs nesta pesquisa, conceituar identidades e traçar uma discussão de como elas são construídas e reconstruídas. Para iniciar a reflexão, partimos do conceito de Leffa (2013) ao apontar que identidade é a resposta que se dá para a pergunta: quem sou eu? Essa pergunta pode ser respondida nas interações sociais, pois é, por meio delas, que as identidades se manifestam e "são as pessoas, acontecimentos ou situações que nos definem de inúmeras maneiras. Diante da esposa sou marido, diante do aluno sou professor, diante do carioca sou gaúcho, diante do argentino sou brasileiro, e assim por diante" (LEFFA, 2013, p.52).

Partindo da pergunta anteriormente apresentada, torna-se relevante o seguinte questionamento: quem sou eu hoje ou agora, isso porque não se pode conceber identidades "como terra firme: algo sólido, de terra própria, de transformação tão lenta que não se percebe ao longo de uma vida, comparável a erosão do vento sobre a rocha, invisível pela morosidade com que acontece" (LEFFA, 2013, p. 78). Ou seja, identidades mudam, assim como mudam as relações sociais, os costumes, e as situações vivenciadas, pois "[...], a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento" (HALL, 2003. p.7).

Por meio da explicação da citação anterior, é possível concluir que taxar identidades fixas para uma pessoa ou grupo não é uma ação coerente, para conhecer a identidade é preciso que cada indivíduo seja considerado dentro de suas particularidades, observando suas interações sociais. Mesmo sendo claro esse conceito de identidade, ainda é difícil responder as perguntas a ela relacionadas. Além disso, definir-se perante o outro também pode ser uma tarefa complicada podendo ser agravada pela situação de pandemia na qual vivemos. Isso se dá porque,

> o processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la. [...] Tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto, tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade (SILVA, 2000, p. 84).

Assim como apresentado anteriormente, as identidades podem se fixar ou variar. Nesse sentido, existem inúmeras situações nas quais as identidades podem nos escapar, mudar e ser reconstruídas. Além disso, várias são as circunstâncias nas quais as identidades são manifestadas e ressignificadas. Esses momentos exigem, muitas vezes, a necessidade de mudar, sendo assim "é necessário um trabalho sobre si, uma modificação de certos hábitos, uma perturbação das rotinas anteriores. É preciso aprender outra vez, às vezes recomeçar do zero" (DUBAR, 2006, p. 143).

Dessa forma, reafirmamos que, neste trabalho, nos apoiamos no conceito de identidade apresentado por Leffa (2013) para o qual Identidade é significado de diferença. Assim, esse conceito põe ênfase no adjetivo identificável.

Esses possíveis recomeços podem não ser tão tranquilos para a maioria das pessoas, já que essas situações

> cortam o curso da vida e engendram perdas materiais, perturbações relacionais e uma mudança da subjectividade. Elas tocam, com frequência, naquilo que existe de mais profundo e íntimo na sua relação com o mundo, com os outros, mas também consigo mesmo, que é também o mais obscuro. Porque o si assim agredido, às vezes humilhado, sofre, sente-se órfão das suas identificações passadas, magoado nessas crenças incorporadas, muitas vezes envergonhado pelos sentimentos dos outros em relação a si próprio. Estas crises são identitárias porque perturbam a imagem de si, a estima de si, a própria definição que a pessoa dava de si a si próprio (DUBAR, 2006, p. 144).

A citação anterior apresenta os motivos que fazem com que a necessidade de mudança seja um obstáculo, mesmo que faça parte do curso natural da vida. Assim, o fato de esse processo ser caracterizado como crise demonstra o quanto é fundamental a discussão a respeito das questões identitárias. Ademais, essa crise é caracterizada pela recusa em abandonar uma antiga identidade ou reconhecer a necessidade de abandoná-la e dar lugar a novas identidades ou a identidades ressignificadas. Isso é devido ao conflito que se estabelece ao se romper com o que já era conhecido para abrir espaço para a nova identidade. Nesse processo, cada um pode não se reconhecer mais como alguém, de acordo com o autor anteriormente mencionado.

Entretanto, mesmo que esse processo de reestruturação das identidades cause tanto desconforto, é válido apontar que, como consequência, é possível que a identidade reflexiva se manifeste e essa identidade é construída a partir das experiências vividas. Isso diz respeito à identidade pessoal, pois cada pessoa administra os obstáculos vividos de maneiras diferentes. Sendo assim, a identidade reflexiva se dará dependendo de cada pessoa, de acordo como a identidade pessoal se manifesta.

Como exemplificação de uma das formas de construção e manifestação da identidade reflexiva, apontamos o ato de refletir a identidade pessoal por meio de narrativas, do contar sua própria história. Nesse caminho, “encontrar a intriga numa narração é compreender e enunciar, num determinado momento da sua existência, qual é o laço entre as diversas experiências, de diversos campos vividos por si próprio, mas também em diversos momentos da sua história”(DUBAR, 2006, p. 148). Sendo assim, a narrativa pessoal proporciona profícuas análises das identidades de cada pessoa.

Corroborando a importância do ato de narrar, autores como Moita Lopes (2002), Nóbrega e Magalhães (2012) também consideram que a narrativa é um meio de construção identitária, pois, por meio de narrativas uma pessoa, pode-se dizer quem é, o que faz, do que gosta, e esses aspectos sempre apresentam traços de como cada um se reconstrói a cada relato. Concordando com os autores anteriormente mencionados, este trabalho evidencia que no ato

de narrar é possível observar traços que marcam e influenciam as identidades e suas transformações. Isso é possível porque, nas narrativas,

> A realidade cotidiana é percebida por cada um de nós de um modo muito particular, damos sentido às situações por meio do nosso universo de crenças, elaborado a partir das vivências, valores e papéis culturais inerentes ao grupo social a que pertencemos. As representações nos permitem decodificar e interpretar as situações que vivemos (GALVÃO, 2005, p. 328).

Essa particularidade possibilitada pelo narrar dialoga, portanto, com o conceito de identidade discutido anteriormente. Dessa forma, "o papel que as narrativas desempenham na construção de identidades sociais nas práticas narrativas onde as pessoas relatam a vida social e, em tal engajamento discursivo, se constroem e constroem os outros" (MOITA LOPES, 2002, p. 63). Assim, ao contar suas histórias, cada pessoa, ao apresentar sua visão particular, tem a possibilidade de, nesse processo, construir identidades. Portanto, as narrativas são instrumentos ricos de identificação de identidades, pois "permitem ir além da transmissão de informações ou conteúdo, fazendo com que a experiência seja revelada, o que envolve aspectos fundamentais para compreensão tanto do sujeito entrevistado individualmente, como do contexto em que está inserido" (MUYLAERT *et al.*, 2014, p. 198).

Ademais, a narrativa é uma forma artesanal de comunicação (BENJAMIN, 1975 *apud* MUYLAERT *et al.*, 2014, p. 194), ela vai além do compartilhamento de informações alcançando a transmissão de sentimentos, experiências e pensamentos. Por toda essa complexidade de sua formação e função, a narrativa é um meio correspondente à pesquisa qualitativa que é o estudo do homem e sua movimentação. Além disso,

> As narrativas combinam histórias de vida a contextos sócio-históricos, ao mesmo tempo que as narrativas revelam experiências individuais e podem lançar luz sobre as identidades dos indivíduos e as imagens que eles têm de si mesmo, são também constitutivas de fenômenos sócio históricos específicos nos quais as biografias se enraízam (MUYLAERT *et al.*, 2014,p. 196).

Sendo assim, nas narrativas é possível observar cada relato considerando que "a identidade não se apresenta sob a forma de uma entidade que rege o comportamento das pessoas, mas é o próprio comportamento, é ação, é verbo" (LAURENTINI e BARROS, 2000, p. 5). E é nessa ação que se explora a construção das identidades manifestadas por cada um de nós em determinados momentos da vida. É válido considerar que o ser humano já nasce com algumas habilidades, mas é preciso prática e convívio para desenvolver-se em comunidade, relacionar/co-construir uma visão de vida e manifestar-se ao longo dos anos.

Nesse sentido, as narrativas no âmbito da pesquisa qualitativa são, portanto, instrumentos essenciais que mostram a importância de uma análise bem feita dos dados coletados com detalhes. Além disso, sempre foi algo presente e natural para os seres humanos. É na

construção de narrativas que o ser racional co-constrói a sua visão de vida e perspectiva de mundo. E de certa forma, isso marca e revela identidades que se moldam durante as experiências e o contexto vivido pelo indivíduo. A identidade manifesta a reação de cada um diante de momentos de tristeza, sucesso, convívio em sociedade, ou em estado de isolamento. Logo, é considerada como algo pessoal e singular de cada ser, podendo se alterar a cada aprendizado ou novos momentos vivenciados. Essa singularidade nas narrativas foi considerada positiva para a pesquisa, assim como é possível observar na citação abaixo.

> Lobov percebeu que, quando contavam suas experiências pessoais, os informantes, por se envolverem emocionalmente com suas narrativas, passavam a controlar menos sua fala e a produzir uma variante linguística mais espontânea, que era o que interessava à pesquisa naquele momento. Assim, levar o informante a contar histórias era um método de coleta de dados (BASTOS, 2005, p. 77).

Partindo para a reflexão dos aspectos que fazem da narrativa esse campo rico para análise identitária, corroboramos Moita Lopes (2002), ao considerá-lo como uma organização discursiva e, assim como ele, considera-se também a relação do discurso com a construção identitária. E, ainda, seguindo seus preceitos, para compreender melhor essa relação, é importante discutir sobre alteridade e contexto social. Alteridade pode ser compreendida, na explicação do eu e do outro, como é apresentada a seguir:

> O ouvinte, ao perceber e compreender o significado (lingüístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes, literalmente a partir da primeira palavra do falante (BAKHTIN, 2006, p. 271).

Da forma como foi caracterizada por Bakhtin (2006), a interação nos discursos exige mais de cada participante, pois o ouvinte não é um mero espectador do discurso alheio, mas ele é aquele que participa ativamente da ação, podendo primeiramente escutar e depois posicionar-se a favor ou contra o discurso proferido. Pode-se entender, então, por meio das teorias de Bakhtin (2006), que o sujeito que expressa seu enunciado em um discurso espera uma ação responsiva do ouvinte. Nesse sentido, Moita Lopes (2002) concorda com o papel ativo do outro na interação no ato de narrar ao apontar que a participação desse outro determina nosso discurso.

Além do importante papel do outro na construção dos discursos, é válido considerar também que

> O falante, ao dar vida à palavra com sua entonação, dialoga diretamente com os valores da sociedade, expressando seu ponto de vista em relação a esses

> valores. São esses valores que devem ser entendidos, aprendidos e confirmados ou não pelo interlocutor. A palavra dita, expressa, enunciada, constitui-se como produto ideológico resultado de um processo de interação na realidade viva (STELLA, 2012 p. 178).

Observando os apontamentos mencionados na citação anterior, é possível afirmar que as palavras que compõem o discurso carregam com elas mais do que apenas seus aspectos estruturais, elas representam o que é vivenciado pelo falante e a sociedade na qual ele atua. Por isso, as palavras apresentam marcas da identidade de quem as profere.

Desse modo, investigar as manifestações identitárias no período de isolamento social da COVID-19 possibilitou conhecer e compreender quais fatores influenciaram o processo de construção e reconstrução das identidades manifestadas.

2 METODOLOGIA / MATERIAIS E MÉTODOS

Abordar a pesquisa qualitativa em pleno século XXI é discutir uma metodologia que enxerga o ser humano enquanto agente social. Dessa forma, é possível identificar a abordagem qualitativa como adequada para que se estudem os aspectos referentes a esse agente social, sem agredir a sua integridade, ou seja, respeitando os seus limites.

Nesse sentido, na pesquisa qualitativa, é possível notar a liberdade que o pesquisador tem, pois são várias as possibilidades para a realização de uma investigação com um olhar atento aos participantes, podendo optar por métodos mais simples, ou até mesmo complexos, dependendo do objetivo. Godoy (1995) ressalta mais uma característica também importante, o fato de que a interpretação dos dados vai muito além da análise de dados numéricos, pois "o enfoque da interpretação varia, podendo ser feito a partir de uma ênfase sociológica, psicológica, política ou, até mesmo, filosófica (GODOY, 1995, p.25).

Contudo, ressaltamos que as narrativas foram escolhidas para ser o meio de coleta dos dados, porque elas apresentam expressões e marcas que constituem as pessoas que narram. Assim, "não se trata de uma batalha pessoal, mas é um processo ontológico, porque nós somos, pelo menos parcialmente, constituídos pelas histórias que contamos aos outros e a nós mesmos acerca das experiências que vamos tendo (GALVÃO, 2005, p. 330). Portanto, as narrativas configuram meio importante de coleta de dados para o objetivo desta pesquisa.

Dessa forma, para participar da pesquisa que culminou neste artigo, foram convidados, por meio de redes sociais, os alunos do IFNMG *campus* Teófilo Otoni e a comunidade externa. Os dados foram coletados por meio da escrita de narrativas entre os meses de abril e dezembro de 2020. Essas narrativas foram enviadas pela plataforma do *Google Drive*. Ainda, como forma de coletar dados que traçassem um perfil geral dos participantes, cada um escreveu no cabeçalho um pseudônimo, apontou se é aluno do *campus* Teófilo Otoni ou é participante externo, discriminou a faixa etária a qual pertence, o sexo, a profissão e a cidade.

Mormente, é fundamental manter a ética na pesquisa, assim não se deve esquecer que o espaço pessoal dos participantes deve ser respeitado. A ética na pesquisa tem como finalidade não ferir os direitos do entrevistado e considerar os limites do pesquisador. Sendo assim, na pasta do *drive*, onde foram postadas as narrativas, constou um texto com orientação ao participante de como funcionaria o trabalho e a informação que a identidade de cada um ficaria preservada, e, assim, foi feita a escolha de pseudônimo para cada participante para que pudesse ser representado neste texto.

No total, a pesquisa coletou 98 narrativas de 08 participantes (ver quadro 01). Por fim, os dados foram analisados pelo procedimento de codificação e categorização, pois "a codificação é uma forma de indexar ou categorizar o texto para estabelecer uma estrutura de ideias temáticas em relação a ele" (GIBBS, 2009, p.60). Assim, após a leitura de todas as narrativas, selecionamos as que demonstraram marcas identitárias, ou seja, as que manifestaram aspectos que identificassem como os participantes estavam reagindo à pandemia. Em seguida, foram codificados e agrupados trechos das narrativas escolhidas para que fosse possível analisar como as identidades se manifestaram nos relatos e quais fatores influenciaram suas manifestações e ressignificações. Todas as narrativas coletadas apresentaram pontos positivos e negativos do isolamento social para cada participante dentro de suas rotinas. Sendo assim, escolhemos os trechos centrais desses pontos apresentados. Essa escolha nos foi importante, pois, ao apresentar as maiores dificuldades e os momentos de superação, os narradores se permitiram maior contato com a escrita, relatando mais informações sobre si e sobre as pessoas com as quais viviam. Portanto, tomamos esses dois aspectos como categorias para as análises e os denominamos de superação e declínio. No próximo tópico abordaremos a análise dessas categorias.

3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As narrativas enviadas a esta pesquisa, durante o processo de coleta de dados, apresentaram relatos importantes para compreender como as pessoas estão lidando com a situação de pandemia e, consequentemente, quais fatores influenciaram as manifestações identitárias e como elas foram ressignificadas.

Para melhor compreensão das manifestações identitárias analisadas nas narrativas, caracterizaremos, primeiramente, os participantes apresentando no quadro a seguir dados básicos e gerais de cada um. Ressaltamos que a identidade foi preservada sendo dado a eles um pseudônimo.

Quadro 01

Participante	Cidade	Profissão	Sexo	Faixa etária
KA	Brasília - DF	Professora	Feminino	De 26 a 40 anos
ML	Teófilo Otoni – MG	Estudante	Masculino	De 15 a 25 anos
AL	Teófilo Otoni – MG	Estudante	Feminino	De 15 a 25 anos
ND	Rio de Janeiro – RJ	Terapeuta Holística	Feminino	De 41 a 50 anos
LA	Vila Velha - ES	Estudante	Feminino	De 15 a 25 anos
MPS	Teófilo Otoni – MG	Estudante	Feminino	De 15 a 25 anos
CL	Rio de Janeiro – RJ	*Dog Walker* (Passeador de Cães)	Masculino	De 41 a 50 anos
MT	Almenara-MG	Estudante	Feminino	De 15 a 25 anos

Fonte: Dados de pesquisa.

Observando o quadro anterior, vale ressaltar que dentre os 8 participantes, apenas 2 eram do sexo masculino, tendo então uma participação soberana do sexo feminino. Também chama a atenção a faixa etária a qual pertencem os escritores, pois a idade variou entre 15 e 50 anos.

Assim, foi possível observar nas diferentes experiências relatadas o quanto o isolamento a longo prazo gerou um impacto negativo na vida dos participantes, sobretudo nas dos jovens com a faixa etária entre 15 e 25 anos. Essa faixa etária corresponde à maioria dos participantes desta pesquisa. E é possível observar no quadro a seguir as palavras (em destaque) que traduziram esse impacto negativo nos relatos.

Quadro 02

ML: (**15-04)** Pela primeira vez em minha vida, eu realmente senti uma certa **carência**, uma coisa que eu sempre critiquei e batia no meu peito que nunca sentia (...). **AL: (02-04)** Hoje **fui uma decepção**, não estudei nada e nem sei que dia da semana é mais. **MPS: (25-05)** Comi bem, estudei (bom, **hoje não**), malhei e etc. O de sempre com as mesmas sensações. Um **monte de nada misturado com tristeza**, ou frustração.

Fonte: Dados de pesquisa.

Além disso, o perfil dos narradores desta pesquisa permitiu observar relatos advindos de diferentes regiões do Brasil. Isso contribuiu para uma análise mais diversificada das manifestações identitárias.

Portanto, por meio das narrativas, observamos que diferentes fatores influenciaram a manifestação de identidades dos participantes. Sendo assim, foi possível compreender o elo entre as experiências vivenciadas pelos narradores (DUBAR, 2006) e as identidades manifestadas.

Nesse sentido, abordaremos duas categorias para a discussão dos dados, sendo elas o declínio e a superação durante a pandemia. Consideramos declínio os momentos, sentimentos ou ações descritos e caracterizados pelos participantes como pontos negativos. Já a superação representa os aspectos classificados por eles como pontos positivos manifestados durante a pandemia.

4.1 O declínio

Ao iniciar a discussão dos dados, é relevante ressaltar que os participantes apontaram como foi significativo o ato de escrever as narrativas no momento de pandemia. Isso pode ser observado nos relatos apresentados a seguir.

Quadro 3

KA:(16-4)Estava pensando em começar a escrever um diário, como fiz durante toda a minha adolescência, mas sempre deixava essa ideia de lado. Hoje acordei com um convite inusitado para participar desse projeto e aqui estou. **LA**: (9-4) Vou chamar essa plataforma de Blue, como se fosse meu diário que deixei na cidade em que comecei a Universidade. Deixei lá porque não pensei que fosse demorar para voltar para Viçosa. **LA**: (9-4): ... tenho mais fé de que talvez aqui esses relatos possam ir mais longe. Mesmo se não forem também, já estou feliz em estar compartilhando as coisas com você, Blue. Ajuda a passar o tempo, e sei que esse tempo está sendo produtivo. Amo escrever.

Fonte: Dados de pesquisa.

É possível notar nos depoimentos que a ação de escrever causou nos narradores um contentamento, qual seja pelo sentimento de voltar à adolescência como se estivesse escrevendo um diário, como relatou KA, ou por substituir um diário íntimo e transformar-se em um amigo no momento de isolamento social, como retratou LA. Além disso, as narrativas também geraram um vínculo entre os participantes e seus relatos. Isso pode ser explicado devido à narrativa ultrapassar a transmissão de informações, revelando detalhes e aspectos importantes para a interpretação e análise (MUYLAERT *et al*., 2014). Ademais, ao se expressar nas narrativas, os participantes podem ter se envolvido nos relatos e passaram a controlar menos sua escrita, assim como apresenta (BASTOS, 2005) ao analisar a importância da narrativa.

Esses aspectos exemplificam a importância da alteridade defendida por Moita Lopes (2002) e corroborada por nós nesta pesquisa. Isso porque, ao escrever suas narrativas, os participantes comportam-se como se alguém os ouvisse e, assim, os relatos poderiam, para eles, fazer mais sentido, assim como apontou LA.

Partindo para a abordagem dos dados que manifestaram o declínio no dia a dia dos participantes, foi possível observar que uma confusão na mudança de rotina dificultou a organização de seus afazeres, assim como está relatado abaixo.

Quadro 4

KA(20-4): Acordar de manhã e não ter nada pra fazer é horrível, dá uma sensação de inutilidade, de impotência. Li muitas dicas sobre o que fazer nessa quarentena, mas até hoje, mais de um mês depois do isolamento é que cedi a elas. Acho que nesse primeiro mês me dei um período sabático, mas cansei dele e preciso fazer alguma coisa, produzir, cumprir prazos como este diário, por exemplo. **A lua** (2-4): Hoje fui uma decepção, não estudei nada e nem sei que dia da semana é mais...

Fonte: Dados de pesquisa.

Essa confusão causada pela pandemia gerou nos participantes sensações de inutilidade (KA) e esquecimento (A Lua). Esse aspecto pode ter alterado a maneira com a qual cada um lidava com o isolamento social. Porém, notamos no relato de KA que a percepção negativa desencadeou a necessidade de mudar, de começar a fazer algo, o que também mostra uma dificuldade de mudar as pequenas ações de uma rotina comum.

Além desse aspecto, a busca contínua por se manter produtivo durante essa mudança de itinerário foi representada pela forma como KA expôs seus sentimentos ao expressar a necessidade de cumprir prazos que foram estabelecidos por ele como modo de se organizar melhor e tornar-se útil no novo estilo de vida, buscando respostas no planejamento de um momento consigo mesmo.

Ademais, podemos pontuar que com a pandemia todos os participantes manifestaram situações nas quais os obstáculos foram evidentes e, ainda, a realização pessoal começou a exigir muito deles, o que afetou a forma como cada um reagiu a essas dificuldades em meio às circunstâncias. Percebemos participantes que se mostraram desanimados na maioria do tempo. Talvez esse sentimento tenha começado como uma forma de solidariedade com a faceta caótica, mas, em longo prazo, estar triste se tornou um hábito na vida de muitos, assim como está expresso a seguir.

Quadro 5

MPS: (05-08) O incômodo com o que conhecidos fazem, o incômodo com o meu drama pessoal e minha procrastinação. Meu Deus, como eu queria minha vida de volta e poder reclamar da faculdade, da minha ansiedade com o período, da falta de paciência com os colegas às vezes e sempre com os professores (ta, alguns). **NA: (30-04)** Jamais pensei que pudesse me sentir tão incapaz. Sim, não poder ir e vir me consome muito. **MT: (17-05)** Ultimamente, nada está se encaminhando muito bem, alguns acontecimentos estão fazendo renascer os meus conflitos internos, contudo diferentemente das outras vezes, agora eu me coloco em meio às dúvidas sobre as minhas próprias atitudes. Tá tudo tão diferente. **ML (03-04)** Tudo que eu tenho é medo e ao mesmo tempo tenho esperança

Fonte: dados de pesquisa.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 4, n. 1, jan./abr. 2022.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Esse processo demonstra um dos pontos abordados por Sappupo (2020) em seu magistral livro "As chaves de casa". Isso em razão da clareza que o ser humano necessita ter em relação aos sentimentos. Assim, ao analisar os relatos nos momentos de declínio, encontramos traços de dificuldade no choque com as identidades. Esses traços podem ser incluídos nesse processo de formação identitária em um dos movimentos apresentados por Silva (2000), o movimento que desestabiliza as identidades. Assim, a dificuldade em compreender as mudanças identitárias pode perpassar pelo fato de a pessoa ser levada a ter contato com o que há de mais íntimo dela com o mundo, com o outro e consigo mesma, como é apresentado por DUBAR (2006).

Diante disso, podemos observar alguns aspectos pontuados pelos participantes **KA**, **ND** e **ML** no quadro a seguir, que denotam certo rigor diante das próprias atitudes e sentimentos.

Quadro 6

KA: (20-04)Acordar de manhã e não ter nada pra fazer é horrível, dá uma sensação de inutilidade, de impotência. Li muitas dicas sobre o que fazer nessa quarentena, mas até hoje, mais de um mês depois do isolamento é que cedi a elas. Acho que nesse primeiro mês me dei um período sabático, mas cansei dele e preciso fazer alguma coisa, produzir, cumprir prazos como este diário, por exemplo. **ND:** (30-04) Jamais pensei que pudesse me sentir tão incapaz. Sim, não poder ir e vir me consome muito. **ML:** (15-04)Porque, tudo foi bem agitado, principalmente psicologicamente já que, pela primeira vez em minha vida, eu realmente senti uma certa carência, uma coisa que eu sempre critiquei e batia no meu peito que nunca sentia, o que de fato, me surpreendeu já que não sei se esses sentimentos estão envolvendo a quarentena, ou só estou me sentindo assim por "estar"...

Fonte: Dados da pesquisa.

Em algumas narrativas, mesmo com a apresentação de iniciativas e boas práticas, é possível apontar declínios. Para KA, a falta de um objetivo em um único dia é capaz de trazer uma sensação de inutilidade. Já para ML, a carência é nítida e o afeta, mesmo ele negando sentir. Tanto KA quanto ML apresentam altos e baixos semelhantes, tal como a busca por uma nova maneira de viver durante a pandemia, seja através de um novo curso, *hobbie* ou estilo musical, mas, mesmo assim, demonstram fragilidade diante de momentos mais tensos. Esse aspecto pode ser denominado de processo de aceitação e pode sofrer variação de acordo com cada personalidade.

Nesse cenário, devido ao isolamento social, sentimentos e sensações podem ser gerados, e eles podem se manifestar tanto no físico como na saúde mental. Todas essas manifestações podem ser caracterizadas como crises, "ora, toda a mudança é geradora de pequenas crises" (DUBAR, 2006, p. 143). Foi o que aconteceu com MPS, representado no quadro a seguir.

Quadro 7

MPS: (25- 05) É mais como um peso. Uma mochila pesada que eu tenho que carregar aonde quer que eu fosse. É chato, irritante, frustrante. Às vezes eu só queria parar e estacionar com a ''mochila''. Ficar parada até a hora que eu achar que deveria levantar. **MPS:** (15- 06) Eu tava realmente me mantendo firme sabe. Depois das duas primeiras semanas de surto, eu tava indo bem. Acho que demorou pra dar uma pirada de novo. **MPS:** (24 - 07)Mas minhas olheiras aumentaram, vi amigos e conhecidos doentes, perdi um pouco da tagarelice costumeira. Mesmo que me dissessem hoje que o COVID tem cura e eu poderia sair tranquilamente, eu hesitaria.. Não por duvidar. Mas sinto que isso tudo trouxe mudanças **MPS:** (24 - 07) Mas hoje a noite me olhando no espelho, apesar do brilho nos olhos, eu vi cansaço, que não via mesmo nos dias piores de crises depressivas a alguns anos. **MPS:** (24 - 07)É difícil não poder desmoronar na sua própria casa porque tem uma pessoa que tem requerido mais atenção, e afinal, eu já passei pelo o que ele passou, deveria ser compreensiva. **MPS:** (10- 08)Eu só to cansada disso tudo e queria uns dias ficar suspensa no tempo. Sozinha. Seria pedir demais?

Fonte: Dados da pesquisa.

Mesmo empenhada em se manter estável, **MPS** acaba tendo seus momentos de declínio, o que exige uma maior força de vontade de sua parte, tornando cada vez mais cansativo conseguir. Isso consome suas energias e é refletido em seu corpo e em seu psicológico. Como resultado desse confronto interno, a feição de cansaço em seu rosto demonstra estar mais expressiva do que em momentos de grandes crises passadas. Mudanças em traços de sua personalidade aconteceram, como relatado pela participante no quadro anterior. Novas percepções internas surgiram, como querer a cura para a pandemia, o que seria uma libertação em alguns âmbitos, mas não necessariamente se sente confortável em sair, pois a liberdade que ela deseja é a de poder se ausentar de seus pensamentos e apenas ficar na neutralidade, até a hora que se sentir pronta para voltar, de poder "desmoronar" quando quiser e não ter que se preocupar com o que está acontecendo ao seu redor.

De modo análogo, podemos ressaltar que as realidades são diferentes e, apesar de estarmos todos passando pela mesma crise sanitária, em nossas individualidades, não estamos no mesmo "barco", visto que alguns possuem comorbidades, outras pessoas não têm um teto nem alimento, diferente dos que não possuem nada ou não se comovem com as causas alheias, assim vale refletir sobre o papel que cada um de nós ocupa nessa condição nefasta de sobrevivência e solidariedade. Esse questionamento reflete o que apresenta Leffa (2013), quando pontua em seu discurso esse dever de nos questionarmos, de sermos alguém e encontrarmos uma posição para com o próximo e o contexto.

Esses são pensamentos incidentes que polemizam o nosso lugar enquanto seres racionais nos momentos de declínio e superação cotidiana. Nesse contexto, as narrativas obrigatórias, porém, inatas, citadas por Moita Lopes (2002), nos mostram que o fluxo informacional, as experiências e o relato influenciam o processo da construção identitária, de modo que seja possível alinhar novos sentimentos e posicionamentos às devidas circunstâncias em que somos inseridos. Dessa forma, notamos que divergências ou confusões apareceram nas atitudes dos participantes. Todas essas manifestações de declínio não podem ser pensadas sem observar que elas fazem parte do processo de ultrapassagem de uma crise, que muitas vezes também significa uma mudança de si mesmo (DUBAR, 2006).

4.2 A superação

Se por um lado alguns participantes se sentiram desapontados, isolados e tristes pela pandemia, por outro, alguns se conectaram mais com suas crenças e tentaram se reerguer e dar significado à vida, como podemos observar nos quadros a seguir (6 e 7).

Quadro 8

KA(19-04): Hoje eu decidi ser produtiva. Comecei um curso on-line e fiz as atividades dele. Iniciei a leitura de um livro "O mundo de Sofia", na verdade a releitura, pois já o havia lido durante a faculdade, mas como tem muito tempo eu já esqueci grande parte da história.

Fonte: Dados de pesquisa.

As dúvidas desafiadoras em meio ao contexto caótico da pandemia nos mostraram que estamos em constante metamorfose, seja nas opiniões, nos gostos ou nas prioridades. O ser humano é motivado pela vontade própria de alcançar objetivos e conquistar sonhos. Embora sejamos grandes sonhadores vivendo em prol da nossa liberdade, para atingir tais metas, precisamos nos colocar em uma posição racional que exige esforço para separar o que queremos do que precisamos. Prioridades têm um período de validade e o tempo permite essa ressignificação dos sonhos, das identidades, da essência, da nova perspectiva do que é necessário, contra o que devemos lutar e como nos adaptarmos às situações difíceis. Portanto, é no decorrer das experiências de vida que as identidades se modelam, sendo algo único de cada pessoa e fluido dependendo do contexto vivido (LAURENTINI *et al*., 2000). E, ainda, por meio dessas experiências de vida que se torna possível analisar como cada pessoa trabalha a gestão de conflitos, gerando assim dados para que se caracterize a identidade reflexiva, que, como aponta Dubar (2006), não se constrói isolada, mas sim por meio das experiências.

Portanto, podemos perceber que, apesar das atrocidades presentes no cotidiano da sociedade em sua nova realidade isolada, novas formas de executar tarefas, valorizar momentos e sentir-se ativo foram adaptadas, como apresentado no quadro seguinte.

Quadro 9

KA(17-04): Descobri a yoga hoje. Ao assistir os stories de alguns perfis no instagram, descobri a yoga e resolvi fazer uma aula pelo youtube. Gostei bastante e pretendo seguir na prática. **ML**(15-04): hoje foi um dia mais que especial, pela primeira vez na vida conseguir abrir uma lata usando um abridor de lata e, consegui fazer um molho de cachorro quente, e pode parecer estranho, mas tudo depois disso me deu um gás. **AL**(01-04): Atualmente continuo com os cursos e fazendo as atividades enviadas pelos professores, faço os serviços de casa e procuro não ficar muito em celular ou televisão. **MT** (14- 04)**:** Hoje o dia foi massa! Uso esse termo "massa" porque ao meu ver, consegui realizar o que até ontem de madrugada estava em mente. Bom, comecei acordando um pouco mais cedo (coisa que não fazia desde quando saí de Viçosa), então minha primeira tarefa do dia, foi: arrumar a casa, concluí com sucesso! (Em menos de 2 horas e 1/2, foi recorde, viu?!), logo em seguida partir para um banho e fui hidratar as minhas madeixas,

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 4, n. 1, jan./abr. 2022.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

após o almoço, peguei uns livros determinada a estudar, e assim fiz,(me sinto radiante por isso), consegui resolver alguns exercícios de matemática e isso me deixou mais feliz ainda, KKK.

Fonte: Dados de pesquisa.

Embora a pandemia tenha limitado as nossas atividades, a descoberta de um novo exercício físico, como relatado por **KA**, fez com que esse participante quisesse manter constância nas aulas que são encontradas facilmente no *Youtube*, despertando um novo modo de se exercitar sem precisar sair de casa e adaptar-se a um estilo de vida mais saudável e ativo. Já para **ML**, a simplicidade em abrir uma lata da forma usual fez com que ele se sentisse mais animado por conseguir fazer algo que, anteriormente, não teria concluído com sucesso. Semelhantemente **MT,** ao realizar seus objetivos daquele dia, se sentiu alegre cumprindo pequenas metas que não eram realizadas antes. Dessa maneira, podemos entender que, dentro de casa, alguns participantes evitavam a procrastinação e a tristeza por não ter o que fazer. Esse aspecto nos remete a Silva (2000), ao apontar que as identidades foram fluindo conforme os acontecimentos e os novos itinerários se manifestaram quando pessoas se reinventaram em sua individualidade para aliviar o declínio e o bombardeio de notícias negativas. **AL,** por exemplo, tentou fugir da realidade e do caos quando evitava alguns meios que poderiam ser fonte dessa informação que prejudicaria ainda mais a solidão causada pela pandemia, preocupou-se em manter a casa limpa e continuou produzindo as atividades do período que já tinha retornado na universidade.

Ademais, o isolamento durante a pandemia também desenvolveu contrastes no cotidiano das pessoas, assim como foi relatado nas narrativas dos participantes. No quadro seguinte é possível traçar uma comparação entre dias tristes/difíceis e dias mais alegres/leves.

Quadro 10

LA 12-4: Hoje o dia começou com uma energia maravilhosa, um sentimento muito genuíno de felicidade e talvez até esperança. Assim que acordei, olhei pra janela e as folhas das árvores estavam balançando e eu estava com um friozinho, a temperatura estava ótima. **LA 20-04**: Eu estou MUITO chateada. Parece que todo mundo decidiu que quer ser mais saudável nesse momento e por isso querem fazer exercícios na rua. Poxa, gente, logo no pior momento para sair de casa (até para exercícios) vocês decidem isso? Sinceramente, para ser saudável, não.

Fonte: Dados de pesquisa.

Os trechos apresentados acima anteriormente pertencem a dias diferentes, mas fazem parte do mesmo mês. Assim, no espaço de 8 dias, os sentimentos e as sensações manifestados por **LA** são opostos. No primeiro trecho, um sentimento positivo foi manifestado, a sensação era de alegria. Já no segundo trecho, a revolta devido ao comportamento da sociedade deixa a participante chateada. Esse sentimento destoa do que foi apresentado no trecho anterior e demonstra a oscilação de sentimentos presentes durante a pandemia.

Essa oscilação desencadeia também mudanças no comportamento dos participantes que passaram a ressignificar suas vidas, suas atitudes, seus planos. Essa ação é considerada

positiva por nós, uma vez que possibilita abrir novos horizontes em meio à tempestade. O que exemplifica essa situação são os trechos apresentados a seguir.

Quadro 11

LA 12-4: muitas prioridades estão sendo restabelecidas, algumas ainda precisam muito se fortalecer, mas muita coisa está mudando. Eu estou adquirindo muitas formas de pensar, me conhecendo melhor, conhecendo minha família melhor, conhecendo. **MPS 25-5**: Essa semana mesmo, tivemos discussão em casa e até hoje o clima não mudou muito. Mas é interessante como para mim essas questões passaram a ser um pouco secundárias. Minhas crises de ansiedade diminuíram e apesar da depressão (tenho os dois de forma crônica) estar mais presente, eu sinto uma estabilidade maior de sentimentos. Estou começando a administrar melhor essas coisas e lidar com elas, afinal, faz parte do nosso dia-a-dia.

Fonte: Dados de pesquisa.

Observamos que **LA** apresenta restabelecimento do que é importante em sua vida, já **MPS** demonstra ter aprendido a lidar com seus problemas. Essas duas situações perpassam pelo reconhecimento de momentos difíceis para depois dar oportunidade para que um novo caminho possa ser seguido. Ficar em casa, passar mais tempo com a família, gera conflitos nos quais as identidades podem entrar em choque, porém essas circunstâncias também geram aprendizagem, respeito e crescimento. De acordo com Dubar (2006), essa seria a aprendizagem experiencial, que se caracteriza pela ligação com os saberes subjetivos.

Outrossim, o contexto caótico deixou clara a existência da preocupação com o sustento da família, pois trabalhar durante os meses difíceis demonstrou ser algo perigoso, e os participantes saíam com medo de não retornar, mas tentavam enfrentar cada momento de declínio de forma erguida para permanecerem vivos, assim como observamos nos relatos abaixo:

Quadro 12

CL(30-04): “fui convencido a escrever a minha experiência de ter que sair e voltar pra casa sem colocar em risco a saúde de quem ficou (nesse caso a minha esposa)”. **ND(30-04):** “Me conecto com a espiritualidade todos os dias, o tempo todo. Isso me traz um resultado positivo”. **ND(30-04)**: Por fim, hoje fiz terapia por vídeo chamada e consegui organizar os pensamentos.

Fonte: Dados de pesquisa.

Notamos que, apesar das dificuldades, os participantes **ND** e **CL** não deslegitimam narrativas pessoais criadas anteriormente a partir das experiências nos contextos em comunidade, bem como pelo contato com crenças espirituais que geram sentimentos de esperança. Por essa perspectiva, observamos como se tornou primordial a necessidade da presença e proteção dos entes queridos, assim como pontua **CL** ao relatar a urgência de amparar um familiar, sendo a forma que encontrou de transformar os conflitos em defesa dos que não podem lutar.

Com outra análise, a transparência na relação pessoal também foi um modo de enfrentar as crises. **ND,** por exemplo, deixa clara a questão de continuar e perseverar na conexão espiritual e manter o pensamento organizado por meio da terapia, preservando sua essência e aumentando a confiança no amanhã melhor. Diante disso, a responsabilidade afetiva de **CL** e a necessidade de organização interna de **ND** se mostraram estímulos para lidar com as inseguranças.

Contudo, ainda é importante destacar que os dias de isolamento social durante a pandemia, nos dias apresentados nesta pesquisa, configuram mudanças que desestabilizam os planos para o futuro, e isso interfere no que há de mais íntimo de cada um em relação ao mundo (DUBAR, 2006), levando esse momento de crise a diferentes consequências que são manifestadas nas identidades, que podem perturbar a imagem que cada um tem de si mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS / CONCLUSÃO

Este estudo objetivou observar as manifestações identitárias relatadas nas narrativas do dia a dia dos participantes, dando a eles espaço para que pudessem escrever suas vivências. Assim, esse espaço parece ter sido valorizado, uma vez que o fato dos participantes se familiarizarem com a proposta de escrever relatos sobre sua rotina reafirma o que defendemos nesta pesquisa: o ato de narrar é uma ação discursiva carregada de manifestação identitária (MOITA LOPES, 2002). É possível apontar também que os sentimentos despertados pela escrita dos relatos, manifestados nas narrativas, contribuíram para que os participantes sentissem alívio em poder desabafar, falar de si. Ainda, o desejo de escrever, de estar em contato com seus próprios relatos, demonstra que a narrativa pessoal mexe com o narrador dando mais significado a sua ação. Sendo assim, a narrativa deve ser mais estimulada, principalmente, no âmbito escolar. Os benefícios da escrita devem ser mais divulgados para que mais pessoas sintam-se instigadas.

Outro fator observado foi a oscilação de sentimentos, e tal situação contribuiu para que se tornasse mais difícil a aceitação de novas identidades ou de identidades que são ressignificadas. Isso porque, ao lidar com as próprias mudanças, os participantes buscavam saídas para amenizar a angústia dos sentimentos que essas mudanças geravam. Porém, a não aceitação de que cada sentimento seria uma resposta ao momento vivido demonstra que se perceber diferente e ter sua própria identidade modificada deixava alguns participantes desconfortáveis e inseguros, o que nos remete à mudança agressiva de si mesmo abordada por Dubar. (2006).

Ademais, o modo coletivo de pensar no momento da decisão individual de não sair de casa, considerando o bem de quem faz parte do grupo de risco e dos demais cidadãos, acrescido da necessidade de se alimentar e sobreviver sem prejudicar a saúde dos que permaneceram isolados, demonstrou, na prática, a manifestação de identidades sobreviventes e resilientes. Adicionado a isso, os relatos apresentados durante o contexto da pandemia mostrou que a falta do convívio em sociedade foi um fator para o surgimento de identidades com sensos de empatia e resiliência.

Portanto, caracterizamos a oscilação de sentimentos, o modo coletivo de pensar e a necessidade de sobrevivência como processos que subverteram e desestabilizaram as identidades dos participantes, assim como defende Silva (2000), provando, dessa forma, o aspecto cambiante das identidades.

Por fim, os dados desta pesquisa reafirmam o que é apontado por (HALL, 2003) que a identidade não é algo inato, por isso os relatos aqui apresentados apontaram que na situação de pandemia as identidades manifestadas, tanto nos momentos de declínio quanto nos momentos de superação, possibilitaram uma aprendizagem experiencial.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. (Tradução Paulo Bezerra). 4ª ed.São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BASTOS, Liliana C. **Contando histórias em contextos espontâneos e institucionais** – uma introdução ao estudo da narrativa. Caleidoscópio 3(2), p.74-87, 2005.

BAUMAN, Zigmun. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998.

BENJAMIN W. O narrador. In: Benjamin W, Horkheimer M,Adorno T, Habermas J. **Os pensadores**. São Paulo: Editor Victor Civita; 1975. P.63-82 (Textos escolhidos) apud MUYLAERT, Camila Junqueira *et al*. **Entrevistas narrativas**: um importante recurso em pesquisa qualitativa. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 48, n. spe2, p. 184-189, 2014.

DAVIS, Mike, *et al*.**Coronavírus e a luta de classes**. Brasil: Terra sem Amos, 2020.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades**:a interpretação de uma mutação. Santa Maria da Feira:Rainho& Neves, Lda., 2006.

Galvão C. **Narrativas em Educação**. Ciência e Educação. v.11, n 2, p. 327-345, 2005.
GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GODOY. A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n.3, p, 20-29, Mai./Jun. 1995.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP &a, 2003, p. 7-46.

LAURENTINI, Carolina. BARROS, Mari Nilza de. **Identidade**: questões conceituais e contextuais. Revista de psicologia social e Institucional. v.2 n.1. Junho, 2000.

LEFFA, V. J. Identidade e aprendizagem de línguas. In SILVA, K. A; Daniel, F. G.; KANEKO MARQUES, S. M.; SALOMÃO, A. C. B. (Org.). **A formação de professores de línguas – Novos olhares - Volume II**. Campinas, Pontes Editores, 2013.

MASTRELLA-DE-ANDRADE, M. R. Falar, fazer, sentir vir a ser: Ansiedade e identidade no processo de aprendizagem de LE. In MASTRELLA, M. R. (Org.) **Afetividade e emoção no ensino/aprendizagem de línguas**: múltiplos olhares. Campinas, SP: Pontes, 2011, p. 17-48.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, Mercado de Letras, 2002.

MUYLAERT, Camila Junqueira et al. **Entrevistas narrativas**: um importante recurso em pesquisa qualitativa. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 48, n. spe2, p. 184-189, 2014.

NOBREGA, Adriana Nogueira. MAGALHÃES, Célia Elisa Alves. **Narrativa e identidade**: Contribuições da avaliação no processo de (re-)construção identitária em sala de aula universitária.VEREDAS ON-LINE – ATEMÁTICA – 2/2012, p. 68-84 – PPG LINGUÍSTICA/UFJF – JUIZ DE FORA - ISSN: 1982-2243.

SAPUPPO, Franco Milan. **As Chaves de Casa**: Reconectando à sua essência. Columbia: SGDZ books, 2020.

SILVA, T.T. A produção social da identidade e da diferença. In SILVA, T.T. (Org.). **Identidade e Diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 73- 102.

STELLA, P. R. Palavra. In BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos chave**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.p. 177-190.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Larisse Colen de Oliveira pela ideia inicial do projeto, ao professor Leandro de Paula Liberato pelo apoio, aos participantes desta pesquisa, ao IFNMG e ao CNPq (PIBIC-EM) pelas bolsas concedidas.

Recebido em: *12 de maio 2021*

Aceito em: *20 de setembro 2021*